

N. D. ALVES

DOR, SENSCIÊNCIA E BEM-ESTAR EM ANIMAIS
Pequenos Animais

Nilza Dutra ALVES¹

A *International Association for the study of Pain* (IASP) definiu dor nos animais como “*Uma experiência sensorial de aversão causada por uma lesão tecidual real ou potencial que provoca reações motoras e vegetativas de proteção, ocasionando uma aprendizagem de um comportamento de esquiva, podendo modificar o comportamento específico da espécie, incluindo o comportamento social*”. Já sensciência é defenida no dicionário do Aurélio, como a característica dos seres vivos, capazes de pensar, possibilitando-lhes equilibrar instinto e razão para tomar decisões, percepção inteligente das coisas ao redor, bem como a capacidade de sentir dor e prazer, enquanto que bem estar significa condição de satisfação das necessidades, conscientes ou inconscientes, naturais ou psicossociais, implica na satisfação das necessidades biológicas, psicológicos e sociais, e não apenas satisfeitas todas essas necessidades, mas perfeitamente atendidas, como explica a Organização Mundial da Saúde.

Neste contexto dor, sensciência e bem estar animal, estão intrinsecamente ligados, pois não existe bem estar onde existe dor. Aliviar a dor e o sofrimento dos animais parece, diante de algumas pessoas, futilidade, considerando que há no mundo milhões de pessoas que sofrem, tem doenças incuráveis, passam fome, convivem com as guerras. Porém a dor presente na maioria das doenças é acompanhada do sofrimento levando a graves alterações deletérias. Devemos considerar que ao utilizar animais, a sociedade deve eliminar o máximo possível a dor e o sofrimento, elevando a condição legal e moral dos animais. Na verdade pouco se sabe sobre dor e sofrimento dos animais, portanto muitas vezes a dor não é identificada e por sua vez não é tratada. Na maior parte do século XX, os veterinários foram mal preparados, em termos de educação e ideologia, para tratar da dor animal, da mesma forma que o controle da dor não foi historicamente uma propriedade para os clínicos humanos. Na realidade a teoria e a pratica moral relativa aos animais foi ignorada durante grande parte da história da humanidade, sendo a crueldade imposta, e a dor e o sofrimento deliberado. Porém, a imposição da sociedade e o comprimento de leis de proteção dos animais têm feito com que sejam adotadas medidas de controle da dor.

No início do século XXI, acumulou-se um grande conjunto de conhecimentos básicos e de critérios neuroanatômicos e neurofisiológicos do homem e dos animais, assim como a compreensão da fisiologia da dor. Dessa forma, a dor não controlada não é apenas, moralmente problemática, mas ela é biologicamente prejudicial. Afeta numerosos aspectos da saúde física, portanto prejudica a saúde e o bem estar dos animais e pode até mesmo, se for grave e suficiente, provocar a morte.

¹ Profa de Clínica Médica de Pequenos animais e Terapêutica Veterinária da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró/RN

A dor induz à mudança de comportamento, incluindo comportamento social, que pode ser específico a cada animal ou espécie. O paradigma moderno da dor sustenta que ela é uma experiência multidimensional. Com base em estudos fisiológicos e comportamentais, existem três dimensões psicológicas importantes: sensitiva-discriminativa, motivacional-afetiva e cognitiva-avaliatória. As dimensões sensitiva-discriminativa e cognitiva-avaliatória envolvem a identificação dos eventos sensitivos em termos de localização, tempo, intensidade e modalidade. O componente motivacional-afetivo está associado a mecanismos motivacionais e emocionais aversivos, que conduzem a comportamentos planejados para o "escape" da fonte da dor.

É importante considerar que embora o limiar da percepção da dor pareça ser constante interespecies, a real tolerância de um estímulo doloroso pode variar amplamente dentro de uma mesma espécie, podendo alguns animais tolerar um nível mais elevado de dor que os outros. Devido à sua natureza subjetiva, é difícil quantificar a dor. Além disso, em comparação com os seres humanos, a avaliação da dor em animais é mais complexa e subjetiva, devido à incapacidade dos animais comunicarem verbalmente sua dor.

A dor pode ser descrita de acordo com o local de origem em dor somática originada na pele, músculos, ossos e outros tecidos; dor visceral que origina-se nos órgãos internos, como trato gastrointestinal, trato respiratório, dentre outros e dor neuropática originada no sistema nervoso, manifestando-se como uma desor-

dem de processamento da atividade neuronal. Ainda de acordo com sua intensidade e duração podem ser divididas em dor aguda e crônica. A dor aguda é útil e cumpre uma função de preservação, pode causar sofrimento e gerar grande limitação funcional. Esta associada aos sinais físicos do sistema nervoso autônomo, como taquicardia, hipertensão, ansiedade, sudorese, agitação psicomotora, dilatação da pupila e palidez, tem a função de alerta, vem em seguida a uma lesão tecidual, é rápida, permite ao indivíduo evitar lesões graves e apresenta uma terapêutica eficiente. A dor crônica gera acentuado estresse, é inútil e incapacitante, não apresenta tratamento eficiente, causa sofrimento e gera limitação funcional, especialmente de longa duração e com componente central dominante.

Na maioria das vezes a dor crônica está associada com alterações graves das vias de condução fisiológica normal que originam a hiperalgesia e alodinia, ou espasmos espontâneos. Leva os pacientes a mudanças emocionais e vegetativas. Os sinais são mudanças no comportamento e disposição funcional, depressão, perda da libido, perda de peso, interferência no sono. Do ponto de vista orgânico a dor crônica pode envolver estruturas somáticas (dor nociceptiva) ou sistema nervoso periférico e central ou ambos, dor neuropática. A dor neuropática tem sintomas diversas e etiologias variadas incluindo câncer, artrite, doenças vasculares, etc. É circundada por variadas síndromes, no entanto, tem em comum a presença de hiperalgesia e/ou alodinia, dor espontânea e paraestesia. Os pacientes com esse tipo de dor parecem não responder aos opióides.

Os animais respondem de formas diferentes aos diversos tipos de dor. Os comportamentos de alimentar-se, beber, dormir, lambe-se, coçar-se e comportamentos sexuais são dados que dá condições para análise das funções normais dos animais. Mudanças significativas nesses comportamentos podem ser produzidas em animais que apresentam dor severa e persistente. Os animais podem apresentar reações de defesa, respostas a ameaça e a estresse, luta, fuga, imobilidade e vocalização. Apresentam ainda choramingos, uivos ou gemidos, desuso membro afetado, relutância em se deslocar, redução da atividade, presença do comportamento de limpar-se e lambe-se. Na maioria das espécies, esses comportamentos têm características fásicas, são rápidos e repetidos várias vezes durante o período de atividade e tem como objetivo diminuir a estresse. Os animais podem apresentar vocalizações espontâneas, porém esse comportamento não muito fiel, pois a vocalização é um indicador bastante insensível, existe ainda preferência por líquido analgésico, além do aumento significativo do comportamento de coçar-se. Autonomia tem sido relatada nos animais que apresentam dor neuropática crônica.

A dor é uma experiência individual, e o quanto dessa experiência se traduz em um comportamento observável e mensurável depende de vários fatores. O consenso geral entre os pesquisadores que usam métodos para aferir a dor é que a observação comportamental é uma ferramenta útil para distinguir entre a ausência de dor e dor moderada ou grave. A

indução da atividade anormal é observada e estes podem mostrar-se reclusos, abandonando seu ambiente. Mostram-se inativos, prestam pouca atenção aos estímulos ambientais, e podem estar apáticos, letárgicos ou deprimidos. No outro extremo, alguns animais parecem estar intranquilos, agitados ou mesmo delirantes, embora estes animais pareçam estar desinteressados com relação ao seu ambiente imediato. O ciclo normal de sono-vigília sofre rompimento. Na realidade quantificar a dor é muito difícil, a mensuração clínica da dor depende das observações dos pacientes e das informações dos proprietários. Pesquisas têm demonstrado que os pacientes que experimentam dor grave estão imunossuprimidos, o que estabelece condições para a sepse. Podem estar sujeitos a um maior catabolismo, metabolismo intensificado, atraso na ingestão de alimentos, retardo na cicatrização de ferimentos, atelectasia, deambulação tardia e retardo na recuperação.

Tratar a dor é um dever moral e ético, essa traz graves efeitos negativos nos sistemas cardiopulmonar, gastrointestinal, neuroendócrino e imunológico; além disso, os proprietários adquirem mais segurança e confiança. O tratamento da dor proporciona qualidade de vida para o animal e o proprietário, além de prevenir alterações comportamentais importantes. Atualmente existem vários protocolos terapêuticos que objetivam propiciar o alívio da dor e restaurar as funções órgão afetado. São utilizadas modalidades terapêuticas desde a clínica à cirúrgica. Os medicamentos analgésicos utilizados são os analgésicos narcóticos, antagonistas narcóticos, anesté-

sicos locais, anticonvulsivantes, antidepressivos tricíclicos e medicamentos antiinflamatórios não-esteróides e esteroidais. A administração de medicações analgésicas baseia-se numa “escada analgésica”. O primeiro a usado um analgésico não opióide e um antiinflamatório não-hormonal. Depois um opióide fraco é somado e em seguida um opióide forte. A acupuntura é uma modalidade terapêutica que pode ter aplicação na dor.

Porém, a terapêutica das dores neuropáticas é um desafio e para essas tem sido utilizada terapia múltipla. Os principais instrumentos terapêuticos são constituídos de cirurgia descompressiva, anticonvulsivantes (carbamazepina, ácido valpróico, fenitoína, a vigabatrina, gabapentina e lamotrigina,), bloqueio simpático, antidepressivos tricíclicos (amitriptilina, imipramina ou nortriptilina) e fenotiazínicos. É provável que o conceito de “analgesia multimodal balanceada” proporcione o alívio mais abrangente. A analgesia profilática é um importante aspecto a se considerar nas cirurgias eletivas. Essa minimiza o desenvolvimento de hipersensibilidade periférica e do Sistema Nervoso Central em resposta à dor e previne a hiperalgesia e a alodinia.

Devemos considerar ainda que como profissionais, Médicos Veterinários, somos promotores da ética, os proprietários estão comprometidos e tem grande interesse na dor animal e em seu controle. Nesse contexto é importante o conhecimento sobre as drogas utilizadas no controle da dor animal. Portanto, o alívio da dor e do sofrimento nos animais é um ato de nobreza. Os animais, assim como os homens, sentem medo, solidão, monotonia e

dor. Atualmente, existe uma conscientização evidente da presença potencial da dor e de suas conseqüências negativas para o bem-estar e o estado geral da saúde.